

A SENHORA VERDADE E A DONA HISTÓRIA

Ilan Brenman

Resenha

Quando a bela Verdade chegou na praça pública do povoado, os moradores de imediato se escandalizaram e ela precisou fugir depressa para não ser agredida. Depois de andar a esmo, desconsolada, a senhora Verdade encontrou uma mulher elegante, usando trajes coloridos e muita maquiagem: só podia ser a dona História. Ao se dar conta da tristeza em que a Verdade se encontrava mergulhada, frustrada em seu desejo sincero de se aproximar dos homens, dona História sugeriu que sua bela companheira retornasse à praça, porém, vestida com suas roupas. Coberta com os belos tecidos multicores da História, a senhora Verdade recebeu um tratamento completamente diferente: dessa vez, não havia quem não quisesse aproximar-se dela. Uma criança, então, pediu para que contasse uma história – e foi, assim, por meio das narrativas que a Verdade enfim se aproximou da humanidade.



© Jacobo Muñiz



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Em *A senhora Verdade e a dona História*, Ilan Brenman apresenta-nos uma narrativa que, de maneira alegórica, nos faz refletir a respeito do papel fundamental da ficção, da literatura e da narrativa no pensamento humano. A verdade nua, direta, sugere-nos o texto, muitas vezes não é aceita e assimilada pelo senso comum. A verdade sem máscaras e sem traduções é muitas vezes compreendida como obscena, imoral ou inaceitável. Cabe à ficção e à narrativa, porém, o papel de amaciar os homens, embelezando a verdade, tornando-a mais palatável. As duas personagens principais desta narrativa, cujo encontro já é anunciado pelo título, desenvolvem uma cumplicidade estreita, lembrando que a relação entre ficção e realidade não é necessariamente uma relação de oposição – pode ser, pelo contrário, uma possibilidade de convergência.

Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Como já falei muito sobre Brenman e como já lemos inúmeros livros dele aqui em casa, queria começar falando sobre Muñiz. Incrível!

Minha filha, logo de cara, ficou muito impactada! De fato, toda a narrativa foi guiada, para ela, pelos desenhos. A composição de caráter notoriamente moderno das cores e linhas de Jacobo dão à fábula uma aparência reconhecível e, ao mesmo tempo, mágica. As pessoas na praça, os animais, as plantas.

Não à toa, minha pequena de oito anos fixou toda a narrativa através da bela relação entre a borboleta e a libélula e os cenários por onde elas passeiam. “A maior parte das pessoas é negra, né? Nessa praça”, é um tipo de observação que evidencia o interesse da menina pela visualidade do livro.

As ilustrações dominaram sua atenção a tal ponto que ouvi comentários como: “É mesmo, ela se veste muito bonita!” – sobre a figura da dona História – e “Agora é que nós vamos ver, porque apareceu um sapo na história!” – quando a Verdade se olha nas águas do lago –, “E agora um passarinho!”.

Meu guri mais velho, já com seus maduros e pré-adolescentes onze anos, também se impressionou com o trabalho de Muñiz: “Essa pantera ele desenhou muito bem, né?”

Também com a maturidade e experiência de um garoto de onze anos, logo na segunda página apontou: “Nua! Ela vai na praça nua...”. E, no meio

da leitura, me olhou com olhos espertinhos e comentou: “A verdade nua e crua... As pessoas não conseguem ver a verdade nua e crua...”

Não posso deixar de dizer que a informação de que essa versão do conto é de origem sufi (lá no finzinho do texto sobre o autor) interessou bastante o mais velho. Ele quis saber de tudo sobre o misticismo islâmico e, agora, portanto, vou ter que aprender algo sobre isso, para poder atender sua jovem e vigorosa curiosidade.

E como a gente lê muito aqui em casa e as crianças sabem que escrevo vez por outra para este Leitura em Família, de vez em quando elas se julgam críticas literárias. “Acho que não terminou bem, não”, comentou a mais nova, ao fim do livro. “Eu queria saber a história que a senhora dona Verdade contou pra eles.”

Então, filha, tentemos ouvir as verdades que vêm vestidas de história por aí.



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Editora Moderna, 2023), seu best-seller.

Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, na Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.ilan.com.br>.



Leia Mais...

Do mesmo autor e série

- ✦ *A sabedoria do califa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cavalo de Troia, a origem*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cornélia e a cotovia de capacete*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O alvo*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O homem dos figos*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que a Terra está falando?* São Paulo: Moderna.
- ✦ *O rei Davi, o príncipe Salomão e o ovo cozido*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O vaqueiro que nunca mentia: um conto popular brasileiro*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *Menino-trovão*, de Kaká Werá. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A caveira-rolante, a mulher-lesma e outras histórias indígenas de assustar*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Global.
- ✦ *O pato, a morte e a tulipa*, de Wolf Erlbruch. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *O que podemos construir*, de Oliver Jeffers. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Lá dentro tem coisa*, de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra.

